

Guardiães da floresta revitalizam tradição secular da borracha

Não é preciso muito. Para os pesquisadores, uma idéia nova, alguma ciência e persistência. Para os povos da floresta, instrumentos, capacitação e organização. Junte-se visão estratégica e poder de articulação para os parceiros do projeto, e pronto: uma atividade fadada à decadência passa a gerar trabalho mais qualificado e lucrativo para muita gente.

Texto: João Rocha. Fotos: Iolanda Huzak.

Edinelson, Sueli, Júlio, Djalma, Celso, Benedito, Assunção, Dido, Elias. Suas mulheres e seus maridos. Seus filhos, pais e avós. Tantos outros. Faz tempo que estão lá, embrenhados na Floresta Amazônica, morada da maior biodiversidade do planeta. O sol ainda nem surgiu e eles já enveredam pelas trilhas que levam aos seringais. Há décadas o ritual se repete, atravessa gerações. Sangram seringueiras em busca do incessante látex que se transformará na borracha usada no mundo todo.

No Brasil, a atividade começou nos últimos anos do século 19. Houve períodos áureos, com apogeu durante a Segunda Guerra Mundial. O País transformou-se no maior produtor mundial de borracha natural. Mas logo ficou para trás. Sucessivos governos não deram importância ao trabalho dessa gente. O que era um mercado farto para os seringueiros se tornou cada vez menos atraente. Trabalha-se muito, recebe-se



HORA DA PESAGEM: REMUNERAÇÃO TRÊS VEZES MAIOR.

pouco. Não restam alternativas senão buscar sustento em outras paragens, ou mesmo dedicar-se a atividades muitas vezes prejudiciais à floresta.

Tecnologia social

Buscando contrariar a sina que se repete há décadas, pesquisadores do Laboratório de Tecnologia Química da Universidade de Brasília (Unb) desenvolveram o projeto Tecbor – Tecnologia Alternativa para Produção de Borracha na Amazônia. Trata-se de idéia simples. Em vez de colher o látex e vender a borracha bruta, os seringueiros beneficiam a seiva das árvores e agregam valor ao que vendem,

empregando técnicas e materiais simples e de baixo custo. O produto final é uma placa de borracha colorida, vendida por um preço três vezes maior. O impregnante mau cheiro e o aspecto grosseiro – fruto de processamento natural por bactérias – dão lugar a um material limpo e bonito.



O CORTE DA SERINGUEIRA E AS ETAPAS DE PROCESSAMENTO DA FOLHA SEMI-ARTEFATO; IMPREGNANTE MAU CHEIRO E ASPECTO GROSSEIRO DÃO LUGAR A UM MATERIAL LIMPO E BONITO.



LÁTEX ESCORRE PELA SERINGUEIRA.

“Essa gente é muito importante. São verdadeiros guardiães da floresta. É preciso garantir-lhes trabalho e renda para que não abandonem seus postos”, defende o professor Floriano Pastore, coordenador e idealizador do Tecbor. As placas de borracha – ou FSAs (folhas semi-artefato) – podem ser vendidas diretamente à indústria. Ao dispensar intermediários que ficam com parte substancial dos lucros, as FSAs valorizam o ofício dos seringueiros. Satisfeitos, eles vêm o fruto do trabalho transformar-se em apoios para maue (*mouse pads*) e outros produtos.

Desde 2003, graças a parceria entre a UnB, Ministério de Segurança Alimentar, Ibama e Fundação Banco do Brasil, a técnica é disseminada entre grupos de seringueiros. Hoje, há unidades de processamento em dez municípios do Acre, Amazonas, Pará e Rondônia, envolvendo 420 famílias. O custo total de implantação por unidade é de 3,5 mil reais. Em 2005, a Fundação Banco do Brasil planeja investir 1,5 milhão de reais em projetos com trabalhadores agroextrativistas.

Orgulho e renda

“Dá gosto trabalhar assim”, diz Donildo dos Santos, o Dido, seringueiro da pequena Jamarauá, comunidade encravada na Floresta Nacional do Tapajós, no Pará. Assim como o pai, a vida inteira ele trabalhou nos seringais. No início de 2004, aprendeu a produzir as FSAs e passou a tocar, junto com vizinhos, a unidade construída por eles mesmos.

“Antes a gente trabalhava o mês inteiro para conseguir 100 reais, e quando



DIDO E FAMÍLIA: “DÁ GOSTO TRABALHAR ASSIM.”

dava. Hoje, dá para ganhar até 300”, conta. “A vida não está garantida, mas dá para criar um pouco melhor as crianças”, emenda Djalma, outro que aderiu à tecnologia social. Satisfação semelhante se observa na margem oposta do extenso Rio Tapajós. Uma hora e meia de barco conduz a Surucuá, uma das 64 comunidades da Reserva Extrativista Tapajós-Arapuins. Sete das 91 famílias decidiram aplicar a nova técnica. Construíram um barracão, fizeram o curso de treinamento e receberam kits com o material: calandras, baldes, bandejas, medidores, espátulas, insumos. “Começamos agora, mas já dá para ver os resultados”, diz o orgulhoso Júlio, enquanto posa ao lado do resultado da primeira semana de trabalho.

Comunidade pede para trabalhar unida



SERINGUEIROS DE SURUCUÁ: “JUNTOS, TEMOS FORÇA PARA SEGUIR ADIANTE.”

Em Surucuá, os pesquisadores da UnB se surpreenderam com um pedido dos seringueiros. A orientação era para que as famílias produzissem separadamente. Cada uma deveria processar o látex que colheu e receber pela produção. O grupo pediu para produzir em conjunto e repartir igualmente a remuneração.

“Sempre quisemos trabalhar o látex de um jeito diferente. Agora que surgiu a chance, não queremos perdê-la. Pensamos: isso aqui não é uma comunidade? Então vamos trabalhar juntos”, lembra o seringueiro Elias. “Há muito tempo aprendemos que não dá para esperar nada de ninguém. Se a gente não se juntar e encontrar o caminho para nossos problemas, seremos sempre mais fracos. Juntos, temos força para seguir adiante.”

PERISCÓPIO

Prêmio distribui 400 mil reais a soluções transformadoras

Seguem até 30 de junho as inscrições para o **Prêmio Fundação Banco do Brasil de Tecnologia Social**, que visa identificar e selecionar soluções reprodutíveis de transformação social.

Oito prêmios no valor total de 400 mil reais serão distribuídos nas áreas de alimentação, educação, energia, meio ambiente, geração de renda, saúde, habitação, agricultura familiar, recursos hídricos e direitos

da criança e do adolescente. Podem participar ongs, prefeituras, universidades e empresas. As iniciativas que atenderem aos requisitos necessários serão certificadas e passarão a compor o **Banco de Tecnologias Sociais**, onde já estão cadastradas mais de 200 experiências bem-sucedidas em diversas áreas. A cerimônia de premiação acontece em 24 de novembro. Inscrições: www.fundacaobancodobrasil.org.br.